



Midhun Puthupattu (DASTAK/SFI/YSA) // Delhi, Índia (Libere o Sul! / 100 anos de Paulo Freire)
“Meu pôster tenta visualizar *o mundo* pelos olhos de Paulo Freire. O internacionalismo de Freire não deve ser estudado isoladamente ou apenas como mais um projeto humanista, mas como uma linha que segue de legado de Marx a Fanon. A pedagogia idealizada por Freire é uma ferramenta para *Libertar o Sul Global*.”

Convergências entre o pensamento de Frantz Fanon e Paulo Freire: Da zona do não-ser à vocação ontológica do ser-mais

Vivian Valério Dias¹

Resumo // O presente artigo pretende trazer reflexões acerca das trajetórias e encontros entre Frantz Fanon e Paulo Freire. Ambos advogaram por um mundo menos desigual, tendo como convergência a transformação da sociedade e a práxis. O conceito da zona do não-ser de Frantz Fanon em que as práticas excludentes apartam corpo e vida legitimando as heranças coloniais, e o conceito libertário da vocação do ser-mais de Paulo Freire em que indivíduos tornam-se sujeitos da sua própria história, buscando construir alternativas de transformação social.

Palavras-chave // humanismo radical, zona do não-ser, vocação do ser-mais

1 Pesquisadora em África e questões étnico-raciais, doutoranda vinculada ao programa de Economia Política Mundial da Universidade Federal do ABC (UFABC).

Introdução

Ambos Freire e Fanon foram pensadores e lutadores convictos que trouxeram contribuições fundamentais na luta contra a dominação dos povos. Fanon, médico psiquiatra martinicano, escreveu sobre a colonização francesa em terras martinicanas e por meio dela abriu campos em uma profunda análise sobre o lugar do negro e os embates coloniais. Freire, pensador educador brasileiro, se contrapôs à educação bancária e se destacou formulando uma educação libertária e crítica da opressão colonizadora.

Comprometidos com a ruptura da ordem vigente, buscaram recursos em campos diversos como a filosofia, as ciências sociais, sendo tocados também pelos pensamentos marxistas. Defenderam o humanismo radical e a pedagogia radical. Apostando em uma formação da consciência crítica, entendida por eles como necessária para superação da dominação.

Assim sendo, um dos pontos de convergência entre os autores está na práxis. Fanon atuou como psiquiatra na Argélia e na supressão dos atendimentos apartados entre pacientes nativos argelinos e europeus. Somou-se na Guerra de Independência da Argélia e foi membro da Frente de Libertação Nacional da Argélia. Freire percorreu fronteiras e atuou diretamente na alfabetização de jovens e adultos. Influenciou e contribuiu no processo de libertação de países africanos.

Paulo Freire foi confessadamente influenciado pela obra de Fanon. Em seu livro *Pedagogia do Oprimido* (Freire, 2015), publicado durante seu período de exílio no Chile, em 1968, o autor chegou a reavaliar a obra antes de finalizá-la. Mais tarde em 1987, ele lembrou “um jovem que estava em Santiago em uma tarefa política me deu o livro *Os condenados da terra*. Eu estava escrevendo *Pedagogia do Oprimido* e o livro estava quase terminado quando li Fanon. Tive que reescrever o livro” (Freire; Horton, 2003).

Em *Pedagogia da esperança* (Freire, 2003), publicado em 1992, menciona:

Branco e negro, sul-africanos ou residentes na África do Sul com quem conversei falavam, de modo geral, das relações opressores-oprimidos; colonizadores-colonizados; branquitude-negritude usando elementos de ordem teórica comuns a Fanon, a Memmi e à *Pedagogia do oprimido*. Discutiam também como trabalhar sobretudo com a problematização de situações concretas e, através do aprofundamento da ou

das razões de ser da experiência de esmagados que os grupos populares tinham de si mesmos, refazer a sua percepção anterior (p. 74).

Ainda em *Pedagogia da autonomia* (Freire, 2002), publicado em 1996, discorre:

[...] o meu ponto de vista é o dos “condenados da Terra”, o dos excluídos [...] A prática preconceituosa de raça, de classe, de gênero ofende a substantividade do ser humano e nega radicalmente a democracia. Quão longe dela nos achamos quando vivemos a impunidade dos que matam meninos nas ruas, dos que assassinam camponeses que lutam por seus direitos, dos que discriminam os negros, dos que inferiorizam as mulheres [...]. A mim me dá pena e não raiva, quando vejo a arrogância com que a branquitude de sociedades em que se faz isso, em que se queimam igrejas de negros, se apresenta ao mundo como pedagoga da democracia (p. 37).

De acordo com Freire (2003) o alcance do *Pedagogia do Oprimido* obra mais disseminada do autor se deu também pelas discussões de Albert Memmi, com o livro *The Colonizer and the Colonized* (1986). A experiência dos “esmagados” estava em se perceber em um mundo colonizado e ainda criar disposição para mudá-lo. Aspecto que confluiria com as ideias do autor em construir uma sociedade mais livre.

Sevalho (2020) retoma Catherine Walsh ao aproximar Fanon e Freire na perspectiva de uma “pedagogia decolonial” marcada por uma “interculturalidade crítica” contra-hegemônica. Para a autora ambos contaram com a esperança como necessidade ontológica para enfrentamento da desumanização provocada pela opressão colonial.

Da zona do não-ser

Embora tenha vivido apenas 36 anos, Fanon desenvolveu discussões profundas e hoje é autor fundamental para entender as relações entre subjetividade e racismo. O lugar da violência em processos de colonização e descolonização.

Para Fanon, o negro é significado no mundo a partir de um esquema histórico-racial, de forma que o branco se concebe como universal e em pé de desigualdade o negro tornou-se o outro. O negro *a priori* e aos olhos do branco tornou-se apenas corpo. Segundo Faustino (2015), Fanon denuncia como as interpretações tidas como gerais não contemplam a experiência material e subjetiva do negro. Rebate Adler, Freud, Sartre e até mesmo Hegel. Afirma que não só o negro não é bem interpretado como é até mesmo excluído dos princípios gerais que atendem o Homem universal. No seu entender, tais atributos do humanismo pleno seriam a capacidade de transcendência, de questionamento, de negação no sentido cartesiano e de não ser determinado por uma essência. Se estes elementos qualificam o Ser, é devido a isso que o negro, está na zona do não-ser.

A zona do não-ser é concebida pelo autor como uma condição existencial, um subproduto da empresa colonial em que ocorre a desumanização e a retirada da sua subjetividade, ou seja, o que pertence ao sujeito pensante e a seu íntimo sendo reduzido a epidermização e a exterioridade. Apesar de ser uma zona de infertilidade o negro resistiu, descobrindo e reinventando discursos sobre si mesmo. Segundo Fanon (1979), é preciso romper com o pensamento epistemológico da colônia para que a descolonização esteja na possibilidade real de transformar resistência cultural em luta política.

Um dos efeitos concerne ao que podemos denominar “dupla consciência”, algo que já havia sido apontado por Du Bois (1999), e está em consonância com o que fora dito por Paul Gilroy em *Atlântico Negro* (2001), ou até mesmo por Guerreiro Ramos (1957). Segundo estes autores, a colonização e a racialização do outro conferiu ao sistema global uma estrutura compartimentalizada. De um lado, observamos a representação de uma sociedade dotada de uma cultura e saberes supostamente avançados, e do outro, “povos bárbaros” e supostamente sem conhecimento do mundo. Devido a essa configuração no imaginário social ocidental, os autores afirmam que a modernidade conferiu ao negro uma duplicidade, resultado de uma oposição de duas consciências em um único corpo (Weber; Medeiros, 2020).

O autor e psiquiatra, se ocupou de analisar os efeitos psíquicos do colonialismo tendo em mente o racismo, a subjetividade e a situação colonial. Em seu livro *Pele negra, máscaras brancas* (Fanon, 2008), publicado em 1952, levantou os seguintes complexos:

1. O complexo de inferioridade, como o processo de epidermização da inferioridade, em que aquele com determinada cor de pele é dono de uma inferioridade inata, o que promove um processo de alienação de si, um processo de autodestruição (p.101);
2. O complexo de dependência, em que se entende que só o outro pode o valorizar, logo, reconhece que deve ser tutelado (p.90);
3. O complexo de superioridade, aquele de próspero, de chefe, de autoridade – a raça que não se vê como raça, que se vê como a expressão da razão, aquilo que tem crédito, confiança (p.95).

Os complexos de dependência, inferioridade e superioridade estruturam o caráter contingente da cultura e da identidade. O outro também pode estar presente em outros rostos inseridos no processo colonial, como nos povos indígenas, embora o autor tenha se atido com maior enfoque à questão negra. A lógica colonial detém os territórios e reflete a produção de um espaço que limita o uso e nega o acesso dos corpos que circulam através dele. Tais situações enquadram-se ao que denomina-se colonialidade, momento de colonialismo superado, mas que continua a perpetuar a reprodução da dominação.

A vocação ontológica do ser-mais

Segundo Mendonça (2006) o pensamento de Freire, ao se fazer pedagógico e, ao mesmo tempo, político, em busca do ser-mais, na vocação ontológica de ser-mais, ou seja, na busca de se humanizar, propõe um projeto educativo que visualiza o ser humano na sua integralidade, sempre em processo de libertação. A ação transformadora sobre o mundo através da práxis compartilhada e a busca da superação da realidade por meio da existência histórica dos seres humanos.

Freire (2003) ao discorrer sobre o ser-mais e a humanização como vocação ontológica do ser humano afirma:

[...] não estou caindo em nenhuma posição fundamentalista, de resto, sempre conservadora. Daí que insista também em que esta “vocação”,

em lugar do ser algo *a priori* da história é, pelo contrário, algo que se vem constituindo na história. [...] além de variar de espaço-tempo a espaço-tempo, demandam, indiscutivelmente, a assunção de uma utopia. A utopia, porém, não seria possível se faltasse a ela o gosto da liberdade, embutido na vocação para a humanização. Se faltasse também a esperança sem a qual não lutamos (p.51).

Para o autor algumas práticas aceleram o processo de desumanização. São elas: a massificação, o assistencialismo, a invasão cultural e a educação bancária. O método bancário da educação, entendido não como algo restrito aos espaços escolares ou uma ação isolada, mas parte integrante de uma estrutura social, em conjunto de ações político-sociais. Na invasão cultural além da dominação econômica, a esfera cultural chega a atuar como opressão, silenciando ao oprimido a palavra, a expressividade e sua própria cultura.

No processo de humanização Freire levanta práticas que considera propícias. Tais como: a conscientização, o diálogo, a utopia e a multiculturalidade. A multiculturalidade, entendida como resistência às ideologias reprodutoras de discriminação e como possibilidade de construção de atitudes democráticas em unidade na diversidade. A conscientização atrelada à educação crítica e transformadora, processo permanente e inacabado, como a incompletude humana. A utopia como um modo de estar-sendo-no-mundo, que exige conhecimento da realidade, pois conhecer é possibilidade de “pro-jetar”, lançar-se adiante, buscar.

No que se refere à luta pela humanização, Freire (2003) destaca:

O que acontece é que a luta é uma categoria histórica e social. Tem, portanto, historicidade. Muda de tempo-espaço a tempo-espaço. A luta não nega a possibilidade de acordos, de acertos entre as partes antagônicas. Em outras palavras, os acertos e os acordos fazem parte da luta, como categoria histórica e não metafísica (p.21).

Por conseguinte, o que propõe em sua obra é a vocação ontológica do ser-mais associando o ser humano como capaz de construir alternativas de transformação social, tornando-se sujeito da sua própria história, da sua transformação por meio de uma práxis conjunta e revolucionária.

Considerações finais

Fanon propôs um novo humanismo, também chamado de humanismo radical. Não pelo fundamento da igualdade de raças, mas buscando romper com qualquer relação no mundo que tenha como base a dimensão racial.

Freire assim como Fanon foi adepto a um humanismo radical, embora de diferentes pontos de vista e estratégias. Ambos estruturaram-se em Hegel, tomando como referência a dialética do servo e o senhor para a construção da relação opressor-oprimido, colonizador-colonizado. Subverteram a condição objetivada que Hegel deu a consciência, marcada de cultura e historicidade, e que entenderam ser possível sua alteração pela dimensão relacional do ser humano. Foram largamente influenciados pelo Materialismo Histórico Dialético, de Karl Marx.

Por fim, Fanon e Freire tiveram esperança na humanização, esta não como uma crença, mas como exercício nunca desassociado do espectro temporal e histórico. Um mover constante que se faz e refaz nas relações cotidianas e nas rupturas reais, englobando a ordem econômica, política, social e ideológica. Traçadas na luta pela libertação e aliada a formação de novos sujeitos.

A contribuição desses autores permanece atual na medida em que as mazelas, dores e subjetividades impostas pela estrutura social ainda reverberam a colonialidade. Subverter a ordem, seja no enfrentamento ou no diálogo, desde que a libertação do mundo esteja imbricada na libertação do ser humano.



Referências bibliográficas

DUBOIS, W.E. As almas da gente negra. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 1999.

FANON, F. Os condenados da terra. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; 1979.

_____. Pele negra, máscaras brancas. Salvador, BA: Universidade Federal da Bahia; 2008.

FAUSTINO, D. M. Por que Fanon? Por que agora?: Frantz Fanon e os fanonismos no Brasil. Tese de doutorado, Universidade Federal de São Carlos; 2015.

FREIRE, P; HORTON, M. O caminho se faz caminhando. São Paulo: Vozes, 2003.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa (25a ed.). São Paulo, SP: Paz e Terra, 2002.

_____. Pedagogia da esperança: Um reencontro com a pedagogia do oprimido (11a ed.). Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 2003.

_____. Pedagogia do oprimido (59a ed.). Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 2015.

GILROY, P. O Atlântico Negro. Modernidade e dupla consciência. São Paulo, Rio de Janeiro: 34/Universidade Cândido Mendes – Centro de Estudos AfroAsiáticos, 2001.

MEMMI, A. The Colonizer and the Colonized. Boston, M.A: Beacon Press, 1986.

MENDONÇA, N. J. A humanização da pedagogia de Paulo Freire. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco, 2006.

RAMOS, G. Introdução crítica à sociologia brasileira. Rio de Janeiro: Andes, 1957.

SEVALHO, G; DIAS, J. V. Frantz Fanon, descolonização e o saber em saúde mental: contribuições para a Saúde Coletiva Brasileira. Revista da Associação Brasileira de Saúde Coletiva, 2020.

WEBER, P.A; MEDEIROS, P.M. Sobre a zona do não-ser e o negro-tema: um debate acerca da produção do conhecimento a partir de Frantz Fanon e Guerreiro Ramos. Revista Áskesis, São Carlos - SP, 2020.